CARTAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

CARTAS

DE

Camillo Castello Branco

Com um prefacio e notas

DE

SILVA PINTO

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5, Largo de Camões, 6

1895

LISBOA
Typographia Mattos Moreira & Pinheiro
Rua do Jardim do Regedor, 39 e 41

1895

PREFACIO

PREFACIO

A Narciso de Lacerda.

RA eu menos velho e tu mais rapaz, meu bom amigo. quando n'aquelle grande lar,—tão hospitaleiro e tão nobre! — de S. Miguel de Seide fruiamos gasalhosa amizade do Primacial Mestre insubstituido. Estás, como eu, a vêl-o: a sua elevada figura, tão de outro tempo aristocrata; o seu olhar imperioso, penetrante e dôce —

agora, logo — turvado pelo tédio, pela amargura, pela ironia exsolvida em fel; o sorriso animador para a ignorancia humilde, e para a admiração devotada caricioso; e o seu espirito na palestra, tão reflexivo da *sua obra*, que se diria recitar o Mestre, a cada hora, selectissimos trechos de livros seus. *Foi nosso amigo:* isto seja consolação, e seja esperança d'uma hora satisfeita, antes do repouso final. Descança! os recem-chegados não poderão vangloriar-se, como nós, de taes horas de um convivio assim, como aquelle, estremecido e glorioso! Não haja duvida: que o Ultimo Grande e Maior de Todos apertava firme em sua mão esquerda o bastão de marechal, quando na dextra empunhava o rewolver do suicidio. E o distinctivo do seu

posto lá o tem no jazigo: e não haveria braço de official entre os distinctos — que vingasse erguêl-o, se ousadia houvesse para lh'o arrancar á ossada, a que adheriu, como adhere á grande memoria a recordação dos fieis!

*

* *

Deram-se á ultima hora a vulgarisar cartas de Camillo, e ainda bem como demonstração de respeito pelo nome do grande homem, e melhor ainda como demonstração de alto criterio litterario, se não influe em similhante resolução — como devemos crêl-o cortezmente — o proposito de affligir, ou de rebaixar

adversarios, mediante a divulgação de alguma nota do impressionavel humorista. Quero suppor, sempre cortezmente, que a publicação de taes cartas visa nobremente, com a ideia de um tributo ao seu auctor, a de uma coordenação de documentos para o estudo completo, quanto possivel, da complexa individualidade do Mestre. Não ignoras que eu, muito instado á publicação de «algumas cartas que possuisse», hesitei, e mal explico a hesitação. A um nosso camarada de officina, perito em melindres litterarios, perguntei ha dias — se eu poderia publicar essas cartas. Elle respondeu-me: — «Deve fazel-o. Não tem o direito de occultal-as.» Sem perceber a hesitação, percebi de momento a justiça de removêl-a.

Reli as cartas em meu poder. São setenta e duas. Publico apenas quarenta. Porque? Porque, se me aggredirem á conta d'este livro, desejarei desaggravar-me — publicando as restantes. Não é isto ameaça: é aviso a susceptiveis pundonores: é mansissima advertencia de que eu não especulei com o escandalo, e de que apenas offereci um brinde aos admiradores do Mestre e outro brinde á minha desolada saudade.

*

* *

Ha nas cartas que formam este livro manifestações da bonhomia d'aquelle homem que tu aprendeste a adorar, no

tracto de cada dia. Demonstrações de azedume são raras. A custo encontra·remos a má disposição de espirito, que Theophilo Braga ahi citou na imprensa, como explicação de alguns juizos amargos de Camillo Castello Branco ácerca de litteratos ainda vivos. Se eu deixei passar n'alguma carta, das que reproduzo, juizo assim manifestado, de passagem, ácerca de escriptores do nosso tempo, foi porque a explicação de Theophilo Braga me satisfez nos dominios da boa critica. Sim: a acrimonia em phrases provinha-lhe da má disposição do espirito. Aonde não vingaram os espantosos soffrimentos de cada hora transportar esse espirito foi á deslealdade, á traição, aos expedientes do rancor que espera. Grande sempre, sem-

pre generoso, sempre o *Grande Romantico* nos seu ajustes de contas violentas, como nas expansões de magnanimidade. Esse coração foi tão grande como o talento: e este phenomeno surprehendeu-me, quando eu já me evadira a surprezas — e não tenho ideia de similhante enormidade até este mez de junho do centenario de Santo Antonio, no anno de 1895.

*

* *

Talvez me fosse licito aproveitar estas paginas em branco, para n'ellas erguer pelourinho á santa estupidez que ahi, nas alfurjas do pensamento réles, algu-

ma vez pretendeu denegrir a memoria de Camillo. Mas, respeitemo-nos, que é dever da idade, e deixemos aos creadores de ratos sabios a execução da bicharia a que sobeja em fétido quando lhe falta em succo. E pois que ha outro assumpto em discussão, — a conveniencia de ao Pantheon se transferir os restos do Prosador, encaremos de frente, por um momento só, o caso controvertido.

Pedi durante annos a todos os competentes — aos que governam, aos que influem nos do governo, aos que, além d'isso, teem vinculados os seus nomes á veneração pelo grande morto. Inutilmente pedi. Allegou-se a indifferença do publico, motivada pelas difficuldades da vida, e allegou-se a falta de recursos

para uma tal ceremonia. Parece que tudo mudou: celebrações de outras glorias portuguezas — d'outra importancia — dominam e arrastam a curiosidade geral, e os recursos superabundam. «É justo! — diria o grande humorista, e tu o estás ouvindo, como eu. É justissimo! Quando a simples suspeita de que eu pensasse em varrer a feira os fazia empallidecer, a todos, eu poderia impôr uma estatua equestre, como tributo nacional á minha figura. Hoje, no jazigo do Urbino, não posso despertar-lhes, á chicotada, os remorsos pelo seu impudor!» Tu o estás ouvindo e o estás vendo...

*

*   *

Apérto o coração, que se me dilata, e é para serenamente lhes dizer — que eu tambem mudei. Protesto contra o Pantheon, se a porta por onde *elle* entrar não houver de ser severamente vigiada, logo em seguida á introducção do seu cadaver — e á introducção do de Garrett! Não quero que a trasladação de Camillo para junto de Herculano seja um pretexto para outras glorificações á vez, e estás prevendo o desfilar de uns cortejos, — como eu o estou prevendo, para nossa miseria, se houver de realisar-se a trasladação. Como seria incompleto, inharmonico, illogico, e de

certo modo ingrato, este nosso fim de seculo, se Camillo e Herculano e Garrett não *sentissem* perto de si, a visinhança dos do quadro subalterno! Afugento o pensamento importuno, e vou-me ao alto. Vem tu d'ahi, desprendido espirito!

Olha os restos de Chateaubriand no rochedo de S. Malo, sobre o mar! Ahi descança, poderoso e solitario, como o Moisés de Vigny, o sombrio genio de René, e a França inteira o saudou no seu final retiro e lucidamente percebeu —que era bem. Vê tu agora como seria bello e como seria justo que os restos do nosso Camillo descançassem em mausoléu, para esse fim construido, na aldeia de S. Miguel de Seide, ali no coração do Minho, onde o vasto e mara-

vilhoso espirito vinte annos conversou com os seus affectos, com as suas esperanças, com os seus sonhos, com as suas dores e com a sua immensa desventura: onde sazonaram os fructos do seu genio e d'onde o colosso subiu ao throno do Eterno, repellindo com o pé a vida, tragico e terrivel como o que parte enforcando-se. Ali, onde o marulho dos córregos se funde nos gemidos dos pinhaes e nas saudações dos alados ao Creador, — ali, onde ha a serenidade, o isolamento, a grandeza simples, o tributo dos homens a distancia; e uma romaria annual, no dia da sua morte; e os da aldeia a indicarem aos litteratos o jazigo do «sr. Camillo». Recordas-te do respeito religioso que elle espalhava na sua passagem pelos atalhos e pelas estradas

minhotas? Mas nada d'isto será feito. Estou sonhando. — e ainda bem que já não sonham uns recem-chegados, praticos até ás podridões da medulla!

* * *

Vão pois as Cartas serenas, de boa boa paz quasi sempre, correr mundo, e creio que improductivas em afflicções de amor proprio. Não se lhes vincula pensamento de vaidade: não se conquista fóros de nobreza — porque se lidou com um rei, e mal se compadeceria com similhante pensamento a repulsão que naturalmente me desperta a exploração dos nomes mais ou menos illustres pelos su-

balternos que lhes sobrevivem: a miseria que ahi vemos.

Lisboa, 1 de junho de 1895, anniversario da sua morte.

SILVA PINTO.

CARTAS

I

Meu presado Silva Pinto.

Não se fie na minha fecundidade apregoada pelos jornaes. Ha dias, davam-me a escrever cinco volumes; e ha mais de quinze dias, que eu estou impossibilitado de erguer sem difficuldade a cabeça do travesseiro. Tenho a — não sei se triste se alegre — convicção de que vou em fim descançar brevemente. Este prefacio melancolico leva em vista responder com a maior sinceridade á sua pergunta. *Não*

posso. * Eu digo-o com mais justiça que os papas.

Comecei um livro intitulado *Raças finas*. Não é romance propriamente dito. É uma enfiada de coisas portuguezas, infamias dos grandes, romantisadas.— O titulo, como vê, é uma ironia — o pontapé tardio atirado á heraldica corrente dos chronicoens que faziam fidalgos d'apellidos como hoje a corôa os faz de negreiros. Este livro, se eu o concluir, não tem ainda editor prefixo; mas quer-me parecer que não é isto o que convém aos folhetins da *Voz do Povo*. No entanto . . .

Tenho gostado muito do seu modo

* Pedia eu ao Mestre a sua collaboração n'um jornal do Porto — *Voz do Povo* — de que eu era principal redactor.

S. P.

de desmantelar o pseudo-realismo do estylo *á Eça*. Parece-me que você continua a pacifica destruição que eu comecei, e dou-lhe a minha palavra d'honra que desmantela pelo ridiculo a eschola.

Acceite os protestos de estima do seu admirador affectivo.

29-11-79.

Camillo Castello Branco.

II

Meu amigo

Bom signal, se póde safar-se. Dava-me cuidado e pena essa porcaria estupida da febre. * O meu amigo não é extremamente feliz até á inveja dos infelizes. Peza-lhe a tristeza irremediavel da vida — as pessimas condições em que está

* A' conta de lamentações minhas sobre o mau estado da minha saude.

S. P.

feito o mundo para quasi toda a gente. Veja ao menos se arranja saude em Lisboa. Eu, mal de tudo e principalmente dos olhos. Vejo só com um, para não vèr tudo duplicado. Absurdos da optica. Chama-se a isto uma coisa grêga.

20-1-80.

Camillo Castello Branco.

III

Meu caro amigo.

Entra a rameira *syphilitica* (rima predestinada de *Politica*) a contaminal-o. Já, já, sem perda de tempo, uma villegiatura até ao Algarve. * Prefira o Assis

---

* Não segui o conselho. Apenas, por uns processos *espontaneos,* modifiquei os meus pontos de vista, — derivando-me dos nervosismos a uma serenidade abbacial, que não é bem condescendencia, nem indifferença, mas que perdôa aos indifferentes e aos condescendentes. Dispensa de agradecimentos.

S. P

a Machiavel. E em vez de purgar a sua raiva por meio de artigos, vingue-se mediante os depurantes.

A derrota dos progressistas é monumental e singular nas luctas constitucionaes d'este meio seculo de liberalismo. Só um Christo faria ressurgir o Lazaro. a menos que o Lazaro se não converta á republica e possa arrostar uma batalha nas ruas. Do parlamento não tem nada que esperar. E. postas assim as cousas, puf! Trato de calafetar com duas pitadas as gretas por onde a inspiração prophetica me está soprando os destinos da Lusitania.

Ámanhan. quinta feira, vou para o Bom Jesus, com Anna Placido e com o pobre Jorge.

Se o tedio me der treguas, demorome alguns dias.

Receba os nossos affectos agradecidos.

Do seu amigo

22-1-80.

Camillo Castello Branco.

IV

Meu amigo.

Vinha com a sua carta outra que devolvo. Faz-me este caso lembrar um galante equivoco. Minha filha, quando estava no convento da Ave Maria, no Porto, um dia, mandou-me a carta que escrevera ao namôro, e mandou ao namôro a carta que escrevera ao pae. Eu devolvi-lh'a, e disse-lhe que não fizesse a sua correspondencia d'um fôlego, para não se equivocar com os destinatarios.

3

Um dia d'estes, me lembrava ella o caso, e tinha já ao pé de si uma menina, que se ria da passagem.

Ainda bem que — para não vir bem applicado o conto — o José Julio da Costa é um correspondente do sexo insuspeito.

Assim que vier um dia de sol, ahi me tem.

Do seu amigo

Camillo Castello Branco.

V

Collega e amigo.

Se a sua contricção é sincera, dou-lhe calorosos parabens. Receio, porém, a reincidencia. * Eu não lhe digo que não escreva. Nós, os fadados para o vicio das lettras, precisamos espremer de vez em quando os furunculos do espirito. Os furões, se não lhes espremem umas

---

* Eu resolvera abandonar as letras. Não cumpri. O que ellas perderam !

S. P.

glandulas que tem ao pé do anus, criam posthema. Espremamos, pois, de vez em quando as glandulas na cara dos idiotas, para não nos apostemarmos. Todavia, façamol-o sem incommodo do anus, nem do cerebro.

Parece-me que vou ámanhã para o Bom Jesus do Monte, com o Jorge. Tenho precisão de ir ahi despedir-me das arvores que me viram creança.

Retribuo a lembrança do sr. Lacerda.

Do seu ded.º am.º

19-7-80.

Camillo Castello Branco.

VI

Meu amigo.

Póde considerar-se restabelecido o N. de Lacerda? Isso então está sério em Lisboa? Noto, porém, que os typhos entendem pouco com a gente limpa. Será isso fome?

O tal B... não levou os livros; * incommodavam-no e não lhe davam nada, porque eram romances. O homem aqui,

* Um professor de linguas que se lhe apresentara, como de minhas relações.

S. P.

talvez por causa do meio todo britannico, imaginou que sabia inglez.

Pediu Shakespeare, como quem pede meio quartilho!

Uma cousa de espirito pela tolice: disse elle em Famalicão que eu, quando elle era menino, o trouxera ao collo em casa do marquez de Penalva. Casa em que nunca puz os meus pés plebeus. Elle seria bastardo dos Telles de Menezes, ou jockey? Féde de mais para ser estudado.

A carta que escrevi ao Caldas não tinha decerto o destino da imprensa, mas eu logo vi que elle lh'o daria. Em todo caso, elle que a publique sem a intervenção do meu amigo; assim lavamos ambos as mãos.

O prologo dos *Combates* deve contribuir para o silencio da imprensa, visto que eu, sem alguma das politicas miliantes, cheguei mais ou menos a todos·

Convença-se de que somos profundamente odiados; e, se nos não insultam, é que sabem que temos nos nossos arsenaes grandes granadas de m...

Já vi que o *Jornal da Noite* se bandeou nos centenaristas. * Se vir que lá se desgostam de serem os arautos do meu por emquanto moderadissimo cartel, retire o meu amigo o folhetim. Estou estudando o Pombal, na hypothese de se ajuntar á bexiga do centenario o banzé da troça.

Tenho recebido seis cartas de commissões, a pedirem-me artigos para o dia 8 de maio. A que porta batem!

20-4-80.

Muito seu amigo

Camillo Castello Branco.

---

* Refere-se ao centenario do marquez de Pombal.

S. P.

VII

Meu presado amigo.

Creio que não terei editor para o meu livro *O marquez de Pombal*. É providencial isto, para que eu não tenha de ser agraciado com algumas datas de bêsta e jesuita.

O Chardron diz-me que antes quer romances. É que está gafado do typho pombalino.

Sabe-me dizer porque sahiu o R. Ortigão do *Antonio Maria?* Deve ser coisa

de dissidencia do centenario. a meu vêr. Gostei muito das suas *Meditações*, na *Folha Nova*.

Queira dizer ao N. de L. que lhe agradeço a sua carta; e venha com elle a Seide, quando houver sol.

Abraça-o o seu

20-4-80.

Amigo certo

Camillo Castello Branco.

VIII

Meu presado amigo.

Leia essa noticia que vae notada no *Jornal da Noite*. E veja se com dois adjectivos perfurantes e dois adverbios sonoros como bexigas de vento, no espinhaço dos asneirões das artes plasticas de Lisboa, póde evitar que se perpetue na estatua do immortal farcista Gil Vicente, solemnemente inaugurada onde quer que seja, a estatua d'um esculptor da custodia de Belem. Nós, cá dentro d'este *quintal do tio Lopes*, não nos vé-

xamos uns dos outros; mas é triste cousa que nos estejamos assoalhando á risada de qualquer forasteiro medianamente critico, que se detenha a estudar os nossos disparates. Ha muito que o criticismo inglez dispensou Shakespeare de ser, a um tempo, carniceiro em Londres e auctor do *Rei Lear*. Presentemente, em Portugal, os lusitanos da rua da Prata, tangidos por Theophilo Braga, pegam do illuminado phantasista das *Barcas*, e teimam em imaginal-o um qualquer mestre abridor da rua de Cata-que-farás.

Protestemos contra estas sandices centenarias que se estão grangeando uma certa immortalidade á sombra de Luiz de Camões.

Recados de todos d'esta sua casa.

10-6-80.

Amigo e admir.or

Camillo Castello Branco.

IX

Meu amigo e collega,

Surprendeu-me em Seide a dedicatoria do seu livrinho. * Muito lh'a agradeço, e não me julgo indigno d'ella, porque taes offerendas devem ser feitas aos que nos admiram com mais consciencia e independencia. Um livrinho d'este tamanho faz mais no *realismo portuguez* do que os in-4.os famosos do Nettement contra o realismo francez. O seu artigo

---

* Refere-se aos *Realismos*.

a respeito de Adolpho, o glotico, no *Dez de Março*, é um bom pedaço d'aquella vassoura com que o Hercules alimpava a celebre cavallariça.

Abraça-o com muito affecto

15-6-80.

O seu amigo

Camillo Castello Branco.

X

Meu amigo.

O criado que lá mandei domingo á noite * disse-me que v. ex.ª estava na cama, mas não me fallou em doença. Imaginei-o n'essa predilecta posição do tédio, ou na leitura de algum livro dos que só se entendem bem de costas. Se eu soubesse que era uma dôr que o privava de sahir, teria ido vêl-o hontem,

---

* A Famalicão, proximo de S. Miguel de Seide.
S. P.

antes de sahir debaixo d'aquelle temporal desfeito. Cheguei a casa a nado, ás 9 da noite, e mais o garrano. A chuva quiz diluir-me as botas. Hontem estive de cama, a curtir um comêço de bronchyte e a cevar as dôres das pernas com o Pain-Killer, uma mixordia americana que me leva a epiderme e me deixa as dôres. Devo este episodio aos infortunios do artista que nos deixou por aqui um bom fermento de alienações do senso-cummum. Ora o senso-commum é um bem ordenado egoismo; e todo o homem que descamba da linha recta da subjectividade e se aliena dos dois *Eus*, é um asno, mórmente se padece de rheumatismo.

Louvo-lhe a reconsideração de não vir aqui com tal tempo. Eu offereço-lhes com muito affecto tudo o que posso dar-lhes aqui; mas bom sol, boas brizas e

um bucolismo virgiliano, isso não posso. Aldeia com chuva é um quadro que esqueceu á topographia dos circulos dantescos. Peor do que isto só conheço os serões da Acad. Real das Sciencias e os artigos do Pereira Caldas de Braga.

14-9-80.

Muito dedicado

Camillo Castello Branco.

XI

Meu amigo.

As terrajolas que adquiriram foros de farça, e alimentaram por meio seculo o folhetim picaresco, estão-se vingando da *vis comica* dos zombeteiros. Freixo d'Espada á Cinta deu Guerra Junqueiro. e Paio Pires deu a prima dos embargos.* O primeiro conseguiu dar cabo de Deus

---

* Uma minha *prima* que em Paio Pires surgiu, a disputar-me uma herança, — episodios do *Olho vivo*, com o respectivo advogado.

S. P.

e do diabo; a prima, se não esbarra no codigo civil, dava cabo do futuro visconde de S. M. de Seide.

Os seus «Realismos» deviam ser bem acolhidos; agora com o novo prefacio veja lá o que faz. Eu não lhe inculco a pujança dos seus inimigos; advirto-lhe simplesmente que é melhor não os ter, porque a gente de coração normal até mesmo quando fere os adversarios se magôa. Eu sou desgraçado até me entristecer quando firo alguem: prefiro que a retaliação seja cruel, para me não ficarem escrupulos. A respeito do meu amigo Silva Pinto não tenho nenhuns. — Console-se.

Dê um abraço no visionario Lacerda, e corte-lhe as azas.

2-11-80.

Seu muito amigo
Camillo Castello Branco.

XII

Meu amigo.

O seu artigo da *Revista* é modèlo como linguagem e modêlo como exaggeração. No primeiro está o escriptor: no outro o amigo.

Abraço o segundo, e applaudo o primeiro. (Este trècho com mais uns adjectivos de tres respostas pareceria de Victor Hugo).

Estou bastante incommodado. E V. Ex.ª já de pé?

Do seu dedicado

3-12-80.

Camillo Castello Branco.

Mande corrigir no meu artigo transcripto o *hors ligne* para *hors de ligne*, que é como se escreve; e o *Hoffmann*, mande que lhe tirem o ultimo *n*. Não se trata do prussiano, é do inglez-americano. As duas cousas estavam bem nas *Ribaltas*.

C.

XIII

Meu amigo.

O Nuno agradecerá ao meu amigo as cantharidas d'Alem-Tejo.

Eu sempre intendi que Famalicão a final lhe havia de dar o couce, mediante os seus numerosos bebados. *

Peço-lhe que em voltando ao Minho

* Não me lembro de coices minhotos; tantos recebi em terras de cathegoria superior!

S. P.

prefira esta choupana ao palacete do estalajadeiro.

10-1-81.

Do seu grato amigo

Camillo Castello Branco.

XIV

Meu amigo.

Não sei se está em dia com o movimento litterario indigena. Envio-lhe o melhor que por aqui apparece, e chamo a sua attenção justiceira para as linhas ementadas do malogrado discurso do Rosalino. * Sergio e os outros, os dos

---

* E' sobre umas intrigas litterarias, que embargaram um discurso do Rosalino Candido ácerca do marquez de Pombal.

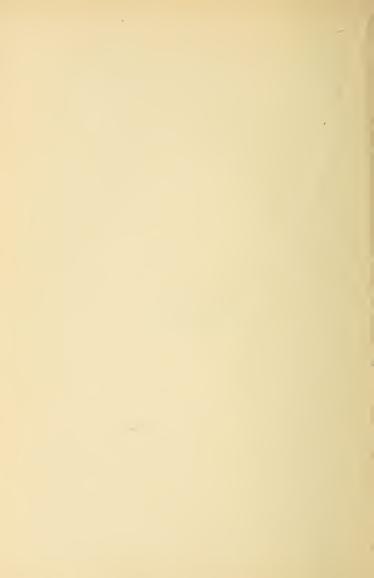
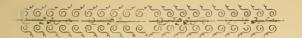
S. P.

Ideaes avançados, repelliram a couces de mentiras o seu irmão d'armas da lide aberta a todos os campeadores. O unico portuguez que acende mensalmente a torcida da luz da rasão recebe em plena flamma uma gebada de apagador obscurantista. Depois de 5o annos de ensaios de liberdade, *ao legendario mysterioso*, quando quer discorrer, atiram-lhe aos labios frementes de enthusiasmo com a dureza do corno academico. Triste e ignobil! Que se dirá no seculo xx, quando se fizer o segundo centenario de Rosalino?! Protestemos, meu amigo; que os nossos nomes se extremem no *dies iræ*, no dia da justiça, d'esta horda de cafres que subiram ao cume do Parnaso, em grande diarrhéa de phrases, e estão de lá escorrendo colicas sobre o senso commum do Rosalino, unico escriptor honesto que emerge n'estes pantanos!

E, com isto, adeus. Estou mais desopilado.

15-6-81.

Seu do coração

Camillo Castello Branco.

XV

Meu presado Silva Pinto.

Deve ter em Lisboa duas cartas. Em uma d'ellas contava-lhe eu que fui instado para desvial-o da sua orientação politica eleitoral.

Desculpei-me com imaginar o meu amigo debaixo de influencias de amigos, mais poderosas do que a minha.

A esta hora deve ter cantado victoria, se os amigos do candidato governamental não se enganavam com a força que lhe temiam.

Conheço muito o dr. Laranjo, um bom talento que devia ser aceite a todos os partidos que estimassem a discussão intelligente. Nem de outra fórma póde equilibrar-se a maromba dos partidos liberaes. Aqui * venceu o governo por grande maioria.

Recolhi antes de hontem de Vizella e resolvi ir para Ancora no dia 24. Ainda assim, se me escrever, faça-o para Seide, porque eu não conto commigo.

21-8-81.

Seu amigo

Camillo Castello Branco.

* Foi em Famalicão a victoria dos regeneradores, a que allude.

S. P.

XVI

Meu presado Silva Pinto.

CUIDADO com as febres e com os paios! Olhe que as endoenças em Portalegre não devem ser menos *doenças* que em Lisboa.

Aqui não chegam os eccos da Paixão, assim como não chegou tambem o balsamo da Redempção. Ladrões como ra-

tos e p. como cabras. * De resto, muita chuva e bacalhau.

11-9-81.

Seu amigo

Camillo Castello Branco.

* Má disposição de espirito, como explicaria Theophilo Braga. Nas suas horas serenas, Camillo estimava aquella gente.

S. P.

XVII

Meu amigo.

Esqueceu-me dizer-lhe que o poeta que lhe inculcou a emenda do verso do Dante não andou mais correctamente que o Conceição. Fiou-se talvez no costume mau que tinha o Herculano de citar errado o mesmo verso. O Dante (Inf. cap. 3.º) diz:

Non ragionar di lor, ma guarda, e passa.

O Herculano dizia:

Non ragioniam...

O Conceição errou, deixando de respeitar as duas elipses que fez o poeta em *ragionare* e *loro*. De modo que o dito Conceição póde vir dizer que o seu informador tambem não conhecia a *Divina Comedia*.

Peço licença para lhe pedir que consulte sempre e não se fie em ninguem, nem mesmo em mim, quando questionar sobre coisas positivas, excepto quando forem positivas philosophias, por que então é concedido escrever *ad libitum*.

13-9-81.

Mande o seu

Camillo Castello Branco.

XVIII

Meu presado amigo.

MARAVILHOU-ME o silencio do *Pimpão!* «Santa simplicitas!»

Quanto ao verso do Dante. O texto da correctissima edição chamada de *Minerva* (Padova, 1822) diz:

Non ragionar di lor, ma guarda, e passa.

A edição de Leonardo Ciardetti (Firenza, 1830) e a dos professores Nicolini e Bezzuoli (Firenza, 1840) e a de Pa-

ris (1875), feita sobre as citadas, todas dizem:

Non ragionar di lor, etc.

Alexandre Herculano no *Panorama* (não posso de prompto citar-lhe os artigos) diz:

Non ragioniam di lor;

e nos *Opusculos*, tom. III, pag. 38, diz:

Non ragioniam *di lui.*

Mas aqui o adjectivo art. *lui* não é erro, é proposito, porque o *lui* era commigo; subsiste porém a deturpação *ragioniam.*

Quanto ao *prurido.* Nenhum diccionarista authorisado usa *prurido.* Constancio emprega-o e authorisa-o no *Dic-*

cionario; mas a sua authoridade em vernaculidade é froixa.

O mais aut. vocab. port.-lat., de Agostinho Barbosa, (Braga 1611) diz *pruido, prurito, prurigo* (de *pruritus.)* Em classiçoens de escacha-pecegueiro não me recordo de ter achado *prurido;* é natural que eu o haja empregado assim, mas isso não faz ao caso, por que eu não sou dos taes de escacha. Entretanto, um purista não diria *prurido,* posto que *rugido* e *perdido* derivem ethymologicamente de *rugitus* e *perditus,* etc. Eu, tendo escripto *prurido,* defendia-me com aquelles exemplos; mas froixamente, porque são excepçoens e não regrás.

Exhaurida a pitada, adeus.

17-9-81.

Do seu muito amigo

Camillo Castello Branco.

XIX

Meu querido amigo.

Desconfio que vou ficar cego. Ha muitos dias que nem lêr posso. Tenho aqui tambem a *Divorciada*, e tanto quanto pude lêr aos saltos pareceu-me que o livro tem os enormes defeitos de tudo que é mediocre. Lá verá.

O Barros Lobo (apud *Mandarim*) parece que está deitando Gonçalo Mendes da Maya — o Lidador! Receio que lhe batam com o ridiculo, que é a peor das

armas. Para elle se manter na linha do Cassagnac devia principiar por matar o Rei Damaso; logo que não o matou, ficaram-lhe nas mãos os cabellos da guedelhuda Fortuna. *

Quando pudér, venha até á Foz, e passaremos por ali o inverno a comer pescada com cebollas e cebollas com pescada.

1-10-81.

Do seu muito amigo

Camillo Castello Branco.

---

* Refere-se a uma polemica entre os dois escriptores, já fallecidos ambos.

S. P.

XX

Meu amigo.

Tencionava ir vêl-o ao Porto, mas ha dez dias que estou de cama tolhido da perna $^{1}/_{2}$.

Provavelmente V. Ex.ª fugiu aos mendigos e ao frio do Porto. Contra o frio, insaque-se em tres fortes casacoens da sua fabrica e muito paio para dentro. Contra os mendigos, sirva-se da phrase indigena que Miss Lady Jackson achou muito original: «Tenha paciencia, irmãosinho»!

Felicito-o e felicito-me por não termos apanhado tanto dos bragançoens como o Gomes Leal. Creio que elle é martyr authentico; mas n'este paiz não se póde apanhar por principio nenhum. A Democracia não arranja um sancto sério para o seu Martyrologio. Ella tem contra si o descambar para a canalhocracia, quando quer derrubar á porrada de alexandroens.

Cá me deixo escorregar outra vez cama abaixo, dando-lhe um saudoso adeus.

15-12-81.

Amigo grato

Camillo Castello Branco.

XXI

Meu caro Silva Pinto.

VEJO que o meu amigo se está saturando de paios. * A final, sahiu-me um lusitano *pur sang*. Espero ainda vêl-o em assembléa de ginjas, na botica de qualquer Euzebio, jogando o gamão e expluindo o arrôto sadio das carnes ensacadas.

* Era em Portalegre. De paios e de ladroeiras — soffridas. Contos largos !

S. P.

N'esse andar, a lyra do Narciso de Lacerda tem de involver-se nas escumilhas e nas pelles dos chouriços d'Além-Tejo. Que destinos!

4-1-82.

Do seu do C.

Camillo Castello Branco.

XXII

Meu amigo.

FALTAVA-LHE a prova do fogo. O incendio casual quer-lhe fazer o que a inquisição lhe teria feito, se o pilhasse — assal-o. Procure sempre morar ao pé das bombas. *

Ha pouco ri-me com lagrimas. Depois de saber que a Sarah Bernhardt tinha na

* Fala de um incendio, no Hotel Durand, em Lisboa, — onde eu me achava hospedado.

S. P.

cabeça o valor de sessenta contos, ou oitenta, segundo outros joalheiros, li o inventario do espolio de G. d'Azevedo, a quem por causa do espolio não apparecem herdeiros, e li tambem que no guarda-roupa do bispo de Vizeu havia uns calções uzados de saragoça. Para me enxugar as lagrimas veio a noticia de um bebado inglez que deu cincoenta libras por um camarote e suicidou-se no dia seguinte. Ah! a vida é um panorama dos mais finos pinceis do diabo, que eu principío a achar muito pandego!

Cada vez mais doente.

16-1-81.

Do seu amigo

Camillo Castello Branco.

XXIII

Meu prezado amigo.

Dê-me melhores novas da sua saude. Eu tencionava dizer-lhe que se *homœpatisasse*. N'essas enfermidades glandulares aproveita-se. Quando o meu amigo me dizia que o meu artigo não vinha nas *Ribaltas*, o estava eu lendo. Entendi que o enfartamento da glandula lhe chegava aos olhos. Por emquanto

irei brincando com o homem. * Estou a vêr que elle me vem dizer que o Catilina não disse *quousque tandem* e que o Hoffman não era americano.

Ha de ser linda a passagem. Restabeleça-se, e trabalhe. Recados d'esta familia e um abraço do seu collega obrigado e amigo inutil.

16-2-81.

Camillo Castello Branco

---

* Alexandre da Conceição, que o aggrediu excitado por uns amadores de escandalos e algo especuladores.

S. P.

XXIV

Meu amigo.

O seu artigo é justo; mas o publical-o é iniquo depois da humildade do auctor.* Conservo-o. para que lh'o não

* Um artigo que eu escrevêra ácerca de um romance conhecido, cujo auctor me escrevia em tom de supplica. Não vale a pena affligir o humilde, com a revelação do seu nome.

S. P.

apanhem os amigos das sovas dadas nos outros.

Estou na cama, com as mesmas dores de velhice.

13-3-81.

De V. Ex.ª

Amigo e obrigado

Camillo Castello Branco.

XXV

Meu caro collega.

O meu amigo sabe que eu tenho umas sympathias quasi platonicas por alguns homens da communa de Paris. Vermorel, Vallès, e Vermersch principalmente.

Por entre as atrocidades do *Père Duchène* scintillavam faiscas do incendio que queimava aquelle grande cerebro de Vermersch. Puz-me a estudar aquella congestão de fogo, e quiz vêr os pródromos da doença. Os seus proprios

inimigos diziam, quando elle morria de nostalgia e de miseria em Londres (1879) que elle tinha escripto com grande espirito e *gaillardise* inimitavel dois volumes intitulados *Les hommes du jour*. Pude obtel-os, li-os e mando-lh'os hoje. Principie por lêr o artigo *Victor Hugo*, na segunda serie. Ainda não vi a fraqueza do meu estomago tão bem definida. Eu sou dos taes anemicos que preferem o Musset.

Quando lhe escrevi a respeito do *Grande homem* * não sabia que o meu amigo implicara com a coisa. Posto que sou assignante da *Folha Nova*, e pagasse adiantado, não a tenho recebido. *Novidade* que não vai bem á *Folha*. Li po-

* A comedia de Teixeira de Queiroz.

rém os seus artigos. O primeiro exprime tudo e magnificamente.

O *Grande homem* é aquillo — é a caricatura. Eu já o disse em carta particular ao auctor.

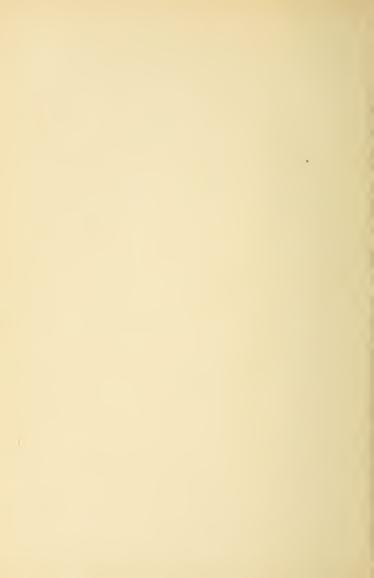
Já vê que lhe escrevo na cama, mordido de dores, e ancioso por isto acabado.

17-1-82.

Do seu muito amigo

Camillo Castello Branco.

XXVI

Meu presado amigo.

Hontem vim da Foz. Ámanhã vou para Vizella. Anda n'este vaivem este authomato de ossos cariados que devia estar na cama a comer extracto de carne e oleo de bacalhau. Recebi na Foz o seu ultimo (?) numero da *Revista* — uma girandola. Muito tabaco para varias ventas. Que espirrem!

Encontrei na Mary Castro o Guerra Junqueiro. Não me pareceu doente. Co-

mia bifes do tamanho dos seus alexandrinos e bebia como o seu D. João. Deus o conserve! É um bom talento, e tarde se escreverá em portuguez um livro como a *Morte de D. João.*

A respeito de lettras, meu amigo, acabei. * O *Macario* foi uma dysentheria de todo o meu *genio.* Derramou-se-me o cerebro n'aquella dejecção, e não sou capaz de dar nem melhor nem peor que aquillo.

Adeus!

14-4-82.

Do seu amigo

Camillo Castello Branco.

---

* Era um dos seus sonhos — o descanço, — n'um pretexto de impotencia cerebral.

S. P.

XXVII

Meu presado amigo.

Meu filho não melhora. Está perdido. Não me importam as pequenas maguas comparadas com esta. Deixe lá bravejar a tempestade dos odios! Não se inquiete por minha causa. Se eu um dia resurgir d'esta lethargia, pagarei a divida. Se morrer insoluvel, V. Ex.ª dirá que eu não pude. Desculpe a brevidade. Não posso mais que agradecer-lhe tudo.

2-5-82.

Do seu amigo e collega
Camillo Castello Branco.

XXVIII

Meu amigo.

Que diabo de questão póde travar-se sobre a comedia do T. de Queiroz? * Tem graça, se os sabios invocam praxistas e processos, para decidirem a orientação d'aquella comedia. Eu só conheço um padrão para graduar obras de

---

* Supposição do auctor da comedia e esperança da galeria. Só eu as satisfiz, que me conste. V. *Combates e Criticas.*

S. P.

tal especie. Tem senso commum? Tem graça? Tem verosimilhança? Tem urdidura engenhosa? Tem as quatro partes da oração? Espero com certa curiosidade a decisão momentosa. E, logo que se decida este primeiro pleito, virei eu submetter á consideração dos mesmos juizes o *Manoel Mendes Enchumdia*, as *Astucias de Zanguizarra* e a esthetica da *Nymfa Siringa* do Antonio José.

Já recebi algumas folhas dos *Combates*. Eu nunca tinha lido *Do Realismo na Arte*. É um bom trabalho e o seu melhor trecho da critica, porque se vê que escreve estranho a violencias e resentimentos.

Li tudo com prazer e renovados motivos de gratidão, pelo affecto com que me recolhe no seu livro que hade ficar.

Continuam os meus implacaveis soffrimentos.

4-6-82.

Amigo dedicado

Camillo Castello Branco.

XXIX

Meu prezado collega e amigo.

Eu já teria enviado ao *Mandarim* * alguma litteratice, se podesse escrever. Não imagina o meu estado. Estão á espera de um prefacio a *Delfina* de T. Ribeiro, e um livro de João Diniz, e a *Bibliographia* de Chardron. Diga-o V. Ex.ª ao B. Lobo, de quem hontem recebi segunda carta. Diz-me V. Ex.ª uma coisa

---

* Jornal publicado em Lisboa por E. Barros Lobo *(Beldemonio)*.

curiosa dos redactores do *Mandarim*.*
Aquelle Caetano Pinto é o *meu amigo* do *Seculo?* Ou ha dois *Caetanos* (sem?) *Pintos?* Deixe-os escalar o reducto e que me dêem para baixo, que já me não molestam.

Abraça-o e ao Sr. Lacerda o seu amigo

4-6-82.

Camillo Castello Branco.

* A' conta de eu lhe haver affirmado que elle só tinha amigos no *Mandarim*. Eu esquecêra e elle lembrou-se de que o alludido C. Pinto o aggredira no *Seculo*.

S. P.

XXX

Meu prezado Silva Pinto.

Botas e garrano, isso é que é. Mas em quanto se considerar mais psycologico que o garrano, nunca será ditoso. Os deuses me são testemunhas que eu lhes tenho pedido um burro para a minha alma, de modo que o das pernas se entenda com o de cima. Até nas minhas enfermidades já não me sirvo da terminologia medica. Se me doem as pernas digo que tenho alifafes, e aos meus

catarros chamo pulmoeiras. Quando ameaço alguem digo-lhe que lhe dou tres couces, e antes de maio não tenciono amar. Tal sou eu...

11-6-82.

Do seu amigo

Camillo Castello Branco.

XXXI

Meu amigo.

O Jorge não dorme ha cento e tantas horas. Veja quaes serão as minhas! Ha pouco me dizia elle, lendo uma pagina da *Corja:* «Se isto assim vai, d'aqui a pouco...

— D'aqui a pouco, o que?

Pediu-me licença, com o chapeu na mão, e continuou:

— D'aqui a pouco, escreve-se: «Senhoras traquejavam-se; peidos ouviam-se.»

Tornou a pedir perdão, e cobriu-se. Ao mesmo tempo nos meus olhos e nos meus labios havia uma lagrima e um sorriso áquelle bom espirito que morreu e ainda estremece no seu abysmo escuro.

10-6-82.

Do seu muito amigo

Camillo Castello Branco.

XXXII

Meu amigo.

O latim parece-me correcto, e a versão, pouco mais ou menos, é: «E restringindo a perversos temiveis a sociedade do principe, esforçava-se em tornar-lhe muito favorecidas as ruins manhas com que unicamente se fizera valer.» Não sei quem disse isso; penso, porém, que o diria Suetonio ou Tacito, a respeito do valido Sejano, no reinado de Tiberio.

Não affirmo, nem tenho tempo de investigar os calhamaços respectivos. *

Estive no Porto com a familia, uns dias. Vim doente, como se sahisse d'uma cloaca. O Porto tem m... por dentro e por fóra. Lisboa é só por dentro.

Adeus.

13-6-81.

Do seu muito amigo

Camillo Castello Branco.

* Não me lembro da minha consulta erudita.

S. P.

XXXIII

Meu prezado amigo.

Não teve mau carnaval! O meu joguei-o com as pernas, a bisnagal-as com therebentina.

Creio que já lhe disse que não vou a Lisboa; mas, podendo, vou segunda feira para o Porto, e verei as provas do Prefacio. Os odios provocados pelo seu livro * serão repartidos comigo. Gosto

---

* *Combates e Criticas,* prefaciado por Camillo.

S. P.

d'este livro, e não desgosto do meu trabalho. Ternura senil, talvez, de macrobio que affaga os filhos. Lá irá a prova para ahi ou para Lisboa. Se me escrever, faça-o para o Hotel America, Rua de S. Lazaro.

Lembranças de todos.

2-3-82.

Do seu amigo

Camillo Castello Branco.

XXXIV

Meu prezado amigo.

O livro do Dr., desde Lisboa a Seide soffreu um semicupio de saíl. de modo que chegou muito sujo e fetido. Esta arrelia é original nos fastos postaes escandalosos do paiz. Limitei-me pois a pôr os dedos no nariz. e mandei pôr o porco livro ao sol no telhado, como se faz aos bispotes salitrados. Não obstante. elle representa uma fineza do meu prezado Silva Pinto.

Presumo que vem lá um artigo sobre Gil Vicente, que já li na *Revista positiva* e em mais duas papeletas. É a insistencia na parvoice, com a mesma vacuidade de provas. *

Felicito-o pela boa nova que me dá de se acharem ainda para quebrar os braços do seu causidico. ** Não se admire das delongas na sua habilitação. Coisas de menos porte, quando cahem no bojo da justiça, levam muito mais tempo a esmoer. Invejo-lhe a vida de Lisboa. Tenho muitas saudades d'isso tudo, e sei que não torno a vêr a minha querida Lisboa.

* Um livro de Theophilo Braga, que eu lhe remettera de Lisboa.

** Refere-se ao doutor Oliveira Valle, já fallecido, que então fracturara uma perna.

S. P.

Vou hoje ao Porto e volto no primeiro de julho.

Abraçam-n'o todos d'esta casa.

18-6-82.

Do seu muito amigo

Camillo Castello Branco.

XXXV

Meu amigo.

De Portalegre vieram para Thomaz Ribeiro urgentes solicitações para que eu lhe pedisse que deixasse livre o tal Duro nas proximas eleições. Respondo n'esta data, eximindo-me de tal empenho — porque intendo que é esse o meu dever, e que toda a violencia da amisade imposta a compromissos é uma tyrannia mal rebuçada com a formula da amisade.

Digo-lhe isto para que saiba que o temem. *

Adeus. Cá estou assado como S. Lourenço.

1-7-82.

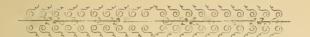
Amigo dedicado

Camillo Castello Branco.

* Consolação!

S P.

XXXVI

Meu amigo.

Recebi os livros. Agradeço o do Serpa. * Prometto ler o *Indice*. Tambem recebi o jornal com o *emprazamento*. D'aqui até terça feira a minha alma tem colicas. ** Deus nos dê paz e concordia. Eu sinto-me com a paciencia do escan-

---

* *Alexandre Herculano e o seu tempo*, por Antonio de Serpa Pimentel.

** Polemica com Alexandre da Conceição.

S. P.

galhado animal, que apenas rugia quando outros o escouceavam. Que diabo de gloria podem ganhar esses jovens robustos e batalhadores prostrando um invalido que apenas escreve para acalentar o rheumatismo? Peça-lhes, pelas almas, que me deixem!

Abraça-o o seu muito grato amigo

13-7-82.

Camillo Castello Branco.

XXXVII

Meu prezado amigo.

O fakir póde ser mussulmanico e da India, ou industanico. Diz V. Ex.ª acertadamente: o primeiro é monotheista, o outro é idolatra. Ha differença notavel entre os dois. O arabe é honesto, estudioso e claustral; o indiano é vadio, putanheiro e ladrão, quando lhe não esmolam de boa vontade. O fakir mussulmano habilita-se para doutor *(mollah)*. O outro é um patife até morrer. Os sa-

cerdotes de Budha, bramhanes, etc., não teem nada de commum com os fakires industanicos. *Fakir* sôa como *pobre* nas linguas simiticas.

Escrevo-lhe de cama, com muitas dores de olhos e de pernas, como um fakir da peor raça estropiado.

20-7-82.

Amigo e obrigado

Camillo Castello Branco.

XXXVIII

Meu bom Silva Pinto.

AGRADEÇO-LHE a boa nova do seu restabelecimento. Grita-se contra Lisboa; eu quando ahi vou parece-me que bebo saude n'essa athmosphera. tão boa que transforma em oxigenio os gazes do Arrobas. Já é!

A luz dos meus pobres olhos creio que se apaga. Ha tres mezes que choram sempre.

22-7-82.

Do seu amigo grato

Camillo Castello Branco.

XXXIX

Meu prezado amigo.

Creio que V. fez presente ao diabo do ministerio que entrou, como supplemento ao ministerio que saiu. Vi indigitados uns nomes que dão a medida da indigencia dos estadistas portuguezes. Isto está tudo perdido e mais que perdido quando vejo escripto que o perfil mais saliente dos republicanos portuguezes é Latino Coelho. Ora, emquanto houver um gato sinistro não receiem que

esse chefe penetre nas alfurjas onde o povo habita e os gatos esfervilham. O Latino, na exiguidade ideal da sua pessoa póde figurar de carapau áquelles bichos crueis e vêr em cada gata cariciosa uma Carlota Corday traiçoeira.*

Eu vejo por esta grave lente as coisas e os homens contemporaneos. Confio na sua boa fé, meu amigo, no seu coração condoido da sorte do povo. Ah! o povo portuguez!...

Não adormeça, que eu já mudo de assumpto. Cá vae novo artigo ao philosopho. A meu vêr, V. ficará de fóra, porque elle sabe que o meu amigo não guarda tanto as conveniencias, como eu. A questão vae altamente pórca; mas eu

* As más disposições... V Th. Braga.

S. P.

ainda não estou *embirrado*. Se isto me falta, não sei como passarei o tempo!

Estou, a espaços curtos, escrevendo um livreco *Os nossos primos*. É um trabalho que não vale dez réis, mas que me obriga a consultar muitos livros velhos e novos. Coisas de pitada solemne como a d'um frade d'Alcobaça. O peior é que lhe escrevo com um dos dois olhos fechados — para não vêr duplicado. Um inferno!...

Affectos nossos.

26-3-81.

Seu

Camillo Castello Branco.

XL

Meu amigo.

Está concluido o seu quarto em Seide e chama-se-lhe *a cascata*. Venha V. d'ahi! No inverno fazemos que lhe chover n'ella, para justificar a dencminação aquosa.

O marido da botequineira de Landim deu hoje dois tiros n'um alfayate que lhe costurava a mulher. Lá vae o ferido para Famalicão a vêr se a sciencia lhe tira as balas das ilhargas. A innocencia das aldeias!

Chegam-me agora a edição Camões, do Rio, com muito disparate preambular do Ramalho, e um livro novo do Oliveira Martins: *Anthropologia*. Ainda ha sabios! *

Muito seu

Camillo Castello Branco.

* Este pessimismo do Mestre, ácerca dos sabios, poderá ser desenvolvido nas outras Cartas, — as que ainda hoje se não publicam.

S. P.

PREFACIO

DOS

COMBATES E CRITICAS

Silva Pinto e a sua obra [1]

snr. Silva Pinto não solicitou este preambulo. Offereci-lh'o irreflectidamente quando o escriptor deliberou publicar um livro chamado COMBATES E CRITICAS. Depois, como eu lêsse, na collecção dos escriptos reeditados, alguns em

---

[1] Reproduz-se este Prefacio de Camillo aos *Combates e Criticas,* como um dos mais primorosos estudos criticos do grande escriptor e porque elucida os leitores ácerca da reconciliação entre Camillo Castello Branco e o auctor dos *Combates,* após o «assanhado recontro.»

meu louvor, com as hyperboles da sua amizade generosissima, senti-me algum tanto arrependido da espontaneidade d'esta collaboração em um livro onde o meu nome e até a minha dignidade de escriptor tão a miude recebem o caloroso testemunho da bemquerença do amigo.

Esquivar-me á contrahida obrigação por suggestões de modestia ou temor da maledicencia pareceu me falsa ingenuidade e escrupulo excessivo.

Além de quê, o retrahir-me a tão insignificante homenagem aos talentos de Silva Pinto seria malbaratar o excellente lanço de revalidar, com a minha inflexa independencia, o conceito que já formei dos seus meritos, pelo que é da sua litteratura e probidade no processo das nossas relações.

Penalisa-me que em arredadas eras travassemos um recontro de polemistas assanhados em que, ainda assim, não houve derrotas nem triumphos. Se vencedor sahiu algum, foi Silva Pinto vencendo-se a si proprio. Elle podia escolher na panoplia das

calumnias, que lhe offereciam, armas para uma nova e mais dilacerante arremettida. Não as acceitou. E, quando as infamias anonymas corriam impressas com a suspeita da sua auctoridade, calou o nome do diffamador e soffreu em silencio a retaliação. Pois que não pude duvidar d'este bizarro lance de cavalheirismo, admirei o homem na edade menos reflexiva, e deplorei que a sorte não désse áquelle moço de vinte e dois annos medianos confortos de vida que lhe permittissem arrancar-se á illaqueação dos Aretinos e dos Clavijos, — boas navalhas de mola, mas despontadas pelo uso, que se recaldeavam ao fogo de um talento novo e inexperiente.

Volvidos annos, vi-o e ouvi-o pela primeira vez. Nenhum de nós soltou palavra de resentimento, porque ambos tinhamos sido injustos. Dava-se, de mais a mais, uma mysteriosa e poderosa attracção que nos approximava: era a injustiça dos outros. Haviamos soffrido o embate do mesmo colosso — a Idiotia, o Moloch das victimas covardes,

e reagiramos com uns fracos pulsos, endurecidos e acerados depois pela tenacidade da defeza. Elle tem trinta e tres annos, e não descançou ainda. Nem descançará. Eu, no inverno da vida, distanciei-me, com o meu patrimonio de ironias, sem me esconder, dos fundibularios das encruzilhadas; e, hoje, quando as pedradas granizam n'estas carvalheiras, ainda me não demitto de ir á janella vêr a jovialidade cruel dos scelerados de carnaval.

*

Este livro dos Combates são as paginas mais serenas, as treguas mais remançosas das suas pelejas, e as actas dos seus triumphos.

Quantos livros vagarosamente pensados teria escripto Silva Pinto, se a sua juventude houvesse derivado na soledade de uma aldeia, longe das nossas babylonias de cartonagem onde, a cada passo, o metallico patear

pomposo dos urcos nos convida a encarar de esguelha uns Nababos de redenho e inscripções, duros e frios como o corno da abundancia, que refestelam em frouxeis flaccidos a sua arrogante brutalidade espapaçada? Ahi é que se azedam as coleras dos Vermersch e dos Vermorel, uns epilepticos que, na placidez reportada das suas provincias, viveriam vegetalisados em socegada obscuridade.

As comparações são a desgraça do talento. Nas varzeas, nas chans largas de ineffavel melancolia, nas montanhas, os enormes rochedos, as grandes arvores — as filhas mais queridas do sol, ruborisadas pelos seus primeiros beijos, e as primeiras a saudal-o ataviadas com as perolas do orvalho — não nos assoberbam como nas cidades os monstruosos abôrtos de felicidade, que surdem dos bestiaes connubios do acaso com a velhacaria. As arvores que só uma vez deram o feio exemplo de avançarem contra o regicida Macbeth, são um cordão sanitario contra a peste das coisas e das pessoas. *Tout notre*

mal vient de ne pouvoir être seuls — diz La Bruyère.

Silva Pinto luctou bravamente. A divisa d'este seu livro COMBATES E CRITICAS, deveria ser de Voltaire: *Ma vie est un combat.* Combate de quinze annos, nos reductos mais perigosos das tremendas batalhas em que um homem sósinho, indefezo, se arrosta aos esquadrões cerrados da ignorancia, e ás insidias ainda mais formidaveis dos seus camaradas na lucta. Ora, como os deuses nem sempre defendem os innocentes, elle foi obrigado a defender-se de inimigos possantes que tinham na sua hoste *Basilios* varios, uns para a intriga engenhosa, outros para a calumnia clandestina e alguns para a diffamação descarada. Afóra isso, elles sabem todos os tramites d'um processo de exterminio que principia no descredito e, quando vinga, acaba na fome e no hospital. Não sei se o meu amigo teve de luctar com tantos *Basilios*; eu por mim, que venho de muito mais longe, conto varios de que me desfiz e se acham nomeados nas minhas MEMORIAS D'ALÉM TU-

MULO, no capitulo *Insecticidios*. Foi Seneca, acho eu, quem fallou d'uns vermes ephemeros que nascem, mordem e apodrecem. Eram os meus.

Mas Silva Pinto não é lugubre nos seus despiques. Antigos e modernos jornaes archivam galhofas suas que inculcam regular digestão de osmazoma, e desfecham remoques de quem não faz a sua cerebração com vegetaes baratos. As mercearias não comprehendem isto. O beocio raiva contra o absurdo de que haja gaudio n'estes remadores das galés das lettras. *Quem te deu uma philosophia tão alegre?* — perguntava o conde Almaviva a Figaro. *Foi o habito da desgraça;* — respondeu o barbeiro andaluz — *com receio de chorar, principio logo por me rir de tudo.*

Silva Pinto irritava-se de mais em vez de orientar-se no rasto dos felizes, e tecer com as suas mais setinosas phrases um capacho para os dadores mais ou menos immortaes das Cartas de corso na Coisa-publica. Se elle, um pouco saturado do pessimismo de

Schopenhauer e Hartmann, confrontasse, com a sua immaculada pobreza, a ignominia latente e consciente dos anthropoides cheios de moral... em acções, não trocaria o seu latego de epithetos esquinados pelo desgosto de esmoer em silencio as trufas de director d'uma alfandega, com o seu Juvenal interior amarrado ao estomago pelo calabre das conveniencias. Os seus nervosismos — os seus infortunios aliás abençoados, porque dão ala ao espirito e sagrados direitos á vingança — eram a falta do santissimo, quando não e infamissimo condão da paciencia, o arnez diamantino que rebate os dardos das contrariedades. É que elle via esfervilhar em volta de si muita somma de philistino ditoso, repleto de boi, impando na sua plethorica hemorrhoidaria, soprando por todas as cornetas de Oberon, — posições bonitas a fazerem-se de consciencias e cerebros sujos, flôres a abrirem se na côdea das esterqueiras.

*

Quanto á sua litteratura, Silva Pinto não se tem gasto em leituras aturadas de in folios, e até dos livros manuaes faz pequeno cabedal quando lhes conjectura a intenção ou prevê o remate. São assim os raros espiritos preoccupados da originalidade e febris de idéas fluctuantes que ainda não estão estampilhadas nos armazens da sciencia. Se é romance ou drama que se lhes offerece inculcado pela tradição, dado que os ideaes novos lá estejam embryonarios, faz-se mister que o artista, ás primeiras paginas, preluza uma refundição da prata das velhas formulas e nos dê casquinha, para que elles — os superciliosos — se deixem engodar e esquecer, no encanto da novidade, de que o livro tem 300 paginas. Era assim o intrepido talento de Vieira de Castro. Se tinha de discorrer sobre materia condensada de dez volumes, lia uma pagina do terceiro, duas do

oitivo, e assimilava em seu espirito a fina essencia de todos; e d'ahi resultava para os que o liam e ouviam a rara ventura de não se entediarem. Em S. Miguel de Seide tive ensejo de verificar que Silva Pinto lia como Vieira de Castro. De manhã repunha nas estantes a dezena de livros que levava á noite para o seu quarto; e todavia não lhe seria difficil demonstrar que os lêra e commentára... com um sorriso desdenhoso e com dez horas de um dormir puro de escrupulos.

Entremos na analyse succinta da sua obra.

No complexo das theorias e applicações que formam o primoroso trabalho *Do Realismo na Arte* predomina como feição de elevada esthesia o alvitre de não derimir no culto do positivismo o sacerdocio do Ideal. Refugam-se as minudencias e os lados triviaes da realidade, pois que o artista descura na escureza inconsciente os lances de vista, as perspectivas em que a natureza das coisas é accessivel a olhos intelligentes. D'ahi o daltonismo psychologico — a doentia igno-

rancia das côres, á custa de querer materialisar, colorir tudo — as palavras vermelhas, os sorrisos azues, os desejos brancos. Descrevia-se hontem a paixão; hoje escalpellisam-na como um musculo pôdre; sopesam-se os actos da mentalidade, calculando-se a porção de phosphoro que arde no cerebro. Se é preciso empégar no lameiral dos vicios inveterados e deshonrar a época em que se escreve, pouco importa a repulsão dos olhos e ouvidos honestos. Cuida-se que os tempos são outros, a humanidade diversa e o pudor um substantivo obsoleto bom para metrificar. Do Pudor e da Justiça já dizia Juvenal que ambos se tinham safado fraternalmente:

Atque duæ pariter fugere sorores

Figuram se alvorecidos os evolucionistas em uma aurora de originalidade, e despeitoram a velha arte com trajos de loureira de ruins baldas, capaz de perverter os velhos abbades do seu culto. As demasias do descriptivo são a chlorose senil do genio. Escassez de

acção, de dramatisação, do pathetico, substituida ou contrafeita pela analyse despropositada é o crepusculo vespertino da arte. O Romantismo e o Realismo podem symbolisar-se na personalidade psychologica de Homero. A Iliada é a mocidade, a Odyssea é a velhice do poeta. Na primeira, as frementes paixões, tragedias de cyclopes iracundos, a eloquencia olympica das arengas, as implacaveis e terriveis Fatalidades das raças. Na segunda, o atonismo das enormes forças, as fabulas infantis, as descripções ronceiras, estafadoras — os ventos ensaccados nos ôdres de Eolo, as metamorphoses suinas operadas por Circe, Jupiter alimentado por pombinhos, as narrativas necrologicas e infinitas dos amantes de Penélope, emfim, a vasante do genio. *Os grandes poetas*, diz Quintiliano, o legislador do «sublime», *quando lhes fallece a pujança para o pathetico, descambam, pelo ordinario, em discursadores de costumeiras.*

Retrocedemos ao berço da esthetica e cuida-se que inauguramos um cyclo novo. So-

phocles esmeráva-se na expressão da materia atormentada. Hercules empeçonhado pela tunica do centauro, e Philoctetes estorcendo se em arquejos de morte pelas flechas hervadas fazem o assombro e o terror delicioso dos theatros. O sensualismo hellenico via as dôres da alma nas vibrações da carne como a belleza ideal na perfeição das linhas esculpturaes. Era assim aquelle mundo que convergira em si os esplendores de todas as civilisações. A idolatria da materia, a materia palpitando a nota carnal do sentimento. Exultação e terror, vida e morte pulsavam na musculatura. Depois, no seculo de Cicero, as pinturas realistas de Sophocles anojavam os romanos. Predominava já a sensibilidade moral. O grande orador, traduzindo a horrida scena da agonia de Hercules, expungiu-a da descripção vagarosa, repugnante e repellente dos soffrimentos corporaes. Era o progresso.

Nas moções dos actos humanos, se não partimos da escóla dos tragicos gregos, chegamos á mesma conclusão — á ausencia do

livre arbitrio, aos movimentos reflexos, aos phenomenos mechanicos, á irresponsabilidade. Elles tinham a Fatalidade dos destinos inappellaveis. Œdipo matava o pae e casava com a mãe, Dejanira matava o marido inconscientemente e suicidava-se, Orestes matava a mãe que matára o esposo; este esposo matava a filha. Todos estes parricidios, filicidios e incestos se faziam com o mais puro coração e a mais tranquilla consciencia. Era o destino decretado pelos deuses. Nós temos a raça, a transmissão hereditaria, a nutrição, o sólo, o meio, os phenomenos naturaes, as influencias indeclinaveis que correspondem á Fatalidade antiga. O criminoso é um automato — um instincto sem vontade; ou, se ella existe, é «a expressão indispensavel d'um estado de cerebro determinado por acções exteriores» (*Moleschott*, Circulação da vida). «A bebedeira, a paixão do jogo, a tendencia ao roubo, ao homicidio, são predisposições hereditarias» (*Lewes*). «Transmittem-se como a cegueira, como a surdez, como a tisica, como o albinismo,

como o cretinismo» *(Büchner)*. «Mais procedem os crimes da doença que da culpabilidade positiva. A sociedade que persegue um crime dura e inexoravelmente andaria melhor se puzesse a mão na consciencia e cuidasse de averiguar por quaes circumstancias e culpas é causadora do crime contra ella perpetrado» *(Th. Buckle)*. «A sociedade prepara o crime, e o criminoso é apenas o instrumento que o executa» *(Quetelet)*. Portanto, a justiça que o condemna é um abuso escandaloso em que medram os bachareis e os mais officios correlativos que tem as cadeias, problematicamente confortaveis, repletas de victimas do feitio da sua propria massa encephalica, da sua medulla espinhal, dos seus centros hemisphericos e rachidianos, e do seu figado derrancado. Seja como fôr, a sciencia e a arte chegaram aos resultados do velho oriente dos átridas. Principiamos agora a ser gregos; mas foge-nos a lingua algumas vezes para moiros.

Tudo é velho. O ideal novo póde dizer com Musset:

Je suis venu trop tard dans un monde trop vieux.

Tudo é velho, gasto e carcomido, excepto a Sciencia positiva--esta perpetua virgindade da natureza. Ella sómente liberalisa fibras intactas a cada novo amante que a requesta. Sempre amada e sempre vestal. O genero humano deve-lhe ineffaveis alegrias doidas, pelo destino que a Sciencia querida lhe assegura. Devemos-lhe a certeza de que, em se apagando nos olhos a luz d'este mundo phenomenal, quando tombarmos do infinito do tempo ao infinito do espaço, cada um de nós contribuirá para a manutenção da ordem planetaria com um pouco de ammoniaco, outro pouco de gaz acido carbonico e alguma agua. Um galante destino de gazes! E, em obsequio á nossa limpeza posthuma, a amada chimica não nos impõe o tributo do gaz sulphydrico. O' Beatrice, ó Francesca de Rimini, ó Ophelia, em que roliças ancas de aforçurada taverneira estará hoje em dia o vosso acido carbonico? O' Julieta — ó eterna e trivial *coquette* da varanda! —

quantas rebelliões de vinhos capitosos se tem aplacado com o teu ammoniaco! Como é triste pensar-se, ó loura confidente do luar de Verona, que o teu gaz é menos oloroso que os jasmineiros da tua varanda! Ah! que prismaticas immortalidades creou a Poesia d'uma tragedia, e que fetidas sordicias a Chimica fez com uma retorta!

Mas, se ha temeridade sandía, é querer homem pôr hombros de supporte ao desabar das velhas coisas. Esta canceração do espirito decadente entende-se com Silva Pinto, com o leitor, commigo, com todos quantos lêem e escrevem, com todos os que meditam ou se burrificam encharcados na madraçaria. Está no ar.

C'est le Diable qui tient les fils qui nous remuent!
Aux objets répugnants nous trouvons des appas;
Chaque jour vers l'Enfer nous descendons d'un pas,
Sans horreur, à travers des ténèbres qui puent[1].

---

[1] Baudelaire.

O cancro está na ideologia, na ethica, na sub e objectividade, no consciente e no inconsciente, no immanente e no transcendente, na grammatica, e até na propria rhetorica parlamentar — na infame rhetorica que os ideaes novos detestam.

Ha vinte annos, um deputado bem portuguez, se quizesse significar que o ministerio cahido tinha as suas horas contadas desde que praticou uma certa irregularidade sanguinea contra a Carta, declamaria, bebendo em fonte grega: *Ajax injuriou os deuses. O blasphemo estava condemnado. Na lamina da propria espada espirrou o sangue do impio. Elle cahiu no orco!* E, um d'estes dias, um deputado por Barcellos, muito azedo, para exprimir rubramente que o partido progressista começára em ancias de morte desde certa occasião de pancadaria, citou a NANA, sem a nomear, com um resto de candura assás pudenda e minhota. E, expluindo, disse: *Eu li, já o disse uma vez* (elle já o tinha dito uma vez, de mais a mais!), *Emilio Zola, e vi lá uma mulher impudica que*

fez com que um seu amante derramasse por ella o seu sangue suicidando-se. Essa nodoa de sangue á porta do quarto d'essa mulher foi o ponto de partida para a sua decadencia. Depois, applicando a ventosa, explica: *E a nodoa de sangue nas pastas d'esses ministros foi quem os intimou a sahir do poder.* E a camara, n'uma grande explosão de cretinismo: *Muito bem! muito bem!* O ex-ministro do reino, o snr. José Luciano de Castro, instrumento sinistro da sangria aberta nas massas, vendo-se comparado á *Nana*, á *margoton*, á *lolo*, á *punaise*, á *boulevardière pierreuse du quartier Notre-Dame-de-Lorette* devia sentir-se bisexualmente vexado entre o masculino e o feminino n'aquelle hermaphrodismo que lhe dava a lubrica rhetorica do Cávado. Que incendios de rubor ameaçam o impolluto snr. conselheiro Adriano d'Abreu Machado, no dia em que o mesmo praxista de Zola e Daudet o tratar de *cocodéte*, de *biche*, de *paillasse de corps de garde!* Ó Ferreira Borges, ó Fernandes Thomaz, ó Rodrigo da Fonseca, ó Garrett, ó José Este-

vão! Vejam vossês! A *Nana* no parlamento com escala por Barcellos! *Zut!*

Não se resiste, pois. O mais que podemos e devemos, ó grandes relaxados, é afivelar a mascara hypocrita da decencia.

*

O artigo do *Estado do Theatro em Portugal*, como preliminar de criticas dramaticas, realça em luminosas e amarissimas verdades de bom criterio. É um repto enviado ás reputações panicas dos defuntos perdoados porque estão defuntissimos, e aos vivos na efflorescencia da gloria e na petulancia do *lorgnon*, — ás celebridades juvenis e luxuriantes que afôfam cadeiras nas Academias e vão desde o *Pote-das-Almas* ao templo dos immortaes com a *moustache en croc et l'esprit en pointe*. A luva levou sumiço entre a papelada dos escriptorios em que se fabricam as nossas immortalidades de tres

semanas; mas a Arte foi vingada no protesto abafado pelo silencio — um ficticio menospreço que devêra chamar-se pusilanimidade calaceira, se não fosse antes uma ignorancia primitiva. O protesto de Silva Pinto é unico; e a historia incorruptivel da litteratura dramatica portugueza n'esta ultima dezena de annos não tem outras paginas que fiquem.

Nas criticas theatraes, Silva Pinto passa de justo a severo e intransigente como o seu dilecto G. Planche. Resente-se da leitura apaixonada d'este iconoclasta; mas nunca desatrema de uma singular integridade, tanto ou quanto mareada pelos mordentes beliscões da sua adjectivação. Revela esclarecido discernimento na expressão plastica e não menor alcance psychologico e selecto juizo quando invectiva a contextura romanesca, de pacotilha, as phantasias em terceira mão, as pompas do palanfrorio, os epithetos parasitas e os *tours surannès* do SALTIMBANCO. E poucas paginas ávante aquilata sem hyperboie o merecimento progressivo

do mesmo dramaturgo, no Luxo. Este hon rado dever, cumprido com as duas obras do mesmo auctor, raro se exemplifica. Por via de regra, duvida-se da pontualidade da critica austera que permitte a um dramaturgo, desastrado em hora esquerda, aragem de inspiração que o regenere.

Charles Monselet criticou causticamente um drama de E. Augier. O poeta exigiu satisfação a tiro. Duas balas discretas assustaram apenas uns pintarôxos que teciam os seus ninhos, em abril, no bosque de Saint-Germain. *Il importe d'ajouter*, diz Monselet, *qu'on ne déjeunat point*. Não almoçaram, nem sequer se comprimentaram. E d'ahi por diante, se Augier fazia acaso um bom drama, como Maitre Guerin, o critico desentranhava-se em louvores; se o drama era ordinario, como Philiberte, todos os raios e coriscos da glottica franceza.

Talvez pareçam desatadas por extemporaneas n'este livro as apreciações da italiana Paladini. E' facil defender o encadeamento d'esses artigos n'esta lavra de omnimodo

criticismo. A individualidade da actriz pouco monta: ella passou com os seus meritos e demeritos; o que subsiste é a Arte dando um vitalismo duradouro á obra do critico. J. Janin não incensou sempre com lisonjarias a encomiada Rachel, cujas imperfeições lhe punham ditos destoantes em sua condicional admiração. Os folhetins do integerrimo analysta abespinhavam *les chevaliers du lustre* — a claque da empresa, — e os cavalleiros do camarim, a claque da sentimentalidade. Janin, todavia, já pela sua independencia, já pela sua gordura, era alheio a ambas as cavallarias, e pugnava devotamente pela arte scenica, pela expressão genial do sentimento; e das jaças d'aquelle brilhante da rampa fez em obsequio á Arte o codigo com que educaram a Victoria, a Rosa Chéri, a Anais Fergueil e as duas Brohan.

Na apreciação do caracter de Izabel de Inglaterra, mal comprehendido ou nem sequer estudado por Paladini, o sr. Silva Pinto inflora a memoria da filha de Henrique VIII com as grinaldas cultivadas por Hume e

Prescott; é, porém, cruel com Maria Stuart, quando a capitula de *barregã* e *dissoluta*. As modernas explorações dos archivos, trezentos annos cerrados á averiguação de mais luminosa exegese, espancaram a escuridade que se embasteceu á volta de um nome execrado. Para a sua condemnação leram-se as cartas apocryphas que o falsario Buchanan forjou ao tempo que a viuva de Francisco II, na masmorra de Lochleven, não podia refutal-as. Essa correspondencia entre a rainha e Bothwell, era o adulterio, o conjugicidio pelo incendio, a protervia superior ao barbarismo do seculo. Depois, ha annos, um professor de historia, Wiesener, escreveu uma longa e quasi cansativa Historia de M. Stuart, que, em compensação do fastio, nos infunde a certeza de que a victima, longos annos espiada, da filha de Anna Boleyn, era uma desgraçada, com todas as imprudencias de rapariga da côrte de França, sangue dos Guises, escóla de Medicis, irrequieta, ardente, vingativa sem persistencia na vingança — mas nem adultera, nem barregã, nem

cumplice na morte do segundo marido, nem voluntaria na ignobil alliança com o terceiro. A justiça rehabilitadora da má rainha que expiou com vinte annos de carcere e com a decapitação a sua incapacidade para reinar e a sua caprichosa pertinacia catholica, ella ahi está sem impugnação na corrente da historia, com direito a uma grande piedade [1].

N'estas criticas de theatro ha uma de menos relêvo e mais moderna que entende com a comedia do sr. Teixeira de Queiroz, intitulada O GRANDE HOMEM. A parte sisuda e substancial da critica é justa, porque a comedia, sem embargo de filiar-se em um grande talento de observação, nem é boa, nem eu sei se, nas condições ideaes em que foi gerada, poderia ser melhor. A quem architecta uma comedia «politica» urge a necessidade de gizar o enredo com persona-

[1] *Marie Stuart et le Comte de Bethwell*, par L. Wiesener, professeur d'histoire au Lycée Louis-le-Grand. Paris, 1863.

gens mais ou menos comicos, jogralescos até; por quanto, a politica, transferida tal qual é dos parlamentos, dos escrutinios e dos seus latibulos de intriga para o palco, perde a sua caracteristica de grutesco convencional entre as opposições. Os elementos da politica podem ser ruinosos, ineptos e deploraveis; mas nunca são irrisorios na accepção genuina do vocabulo. A politica d'um circulo rural póde dar pabulo ao riso pela casaca do regedor e pelo cabrito assado do candidato; mas a politica geral é seria porque é a historia militante das nações. Ora o «ridiculo» do proscenio reclama que os personagens da comedia sejam elementos de farça hilariante á custa da verosimilhança. Se os trasladarem da vida real, com os enxovalhos do *humour* folliculario, no theatro com certeza não fazem rir. E a sala ficará vazia, pelo idoneo motivo de que em dois jornaes de 10 réis, de politica entre-hostil, o publico acha quotidianamente a revidação reciproca das injurias, e a delação dos desatinos, dilapidações e ladroeiras em que a

franqueza briosa, com uma honesta galhardia digna de Grecia e Roma, chega a escrever em versalêtes os nomes dos ladrões. E é isto o que a comedia do sr. Teixeira de Queiroz não ousa fazer com o desplante de Aristophanes, e com o administrador no camarote e o rei na tribuna e a policia na geral. Os Petronios, os Tigellinos e os Verres, todos em cuecas, da politica portugueza são sempre anonymos na ribalta. O publico assim não se entretem, não desopila o figado, nem aprende coisa que preste. Na França, onde se fazem dramas d'alta politica trovejante de objurgatorias como nos EFFRONTÉS, no FILS DE GIBOYER e no GENDRE DE M. POIRIER, as platéas espreguiçam-se, bocejam. *Je regrette*, diz o illustre critico de um d'esse dramas, *d'être obligé de me desaccoutumer à regarder le théâtre comme un lieu de refuge, comme un asile de distraction et de plaisir. C'est me donner un vernis bien burgeois, mais enfin j'avais l'habitude d'y aller, — comment dirai-je cela? — pour m'amuser; faut-il donc que j'y aille à present pour en-*

tretenir mes ressentiments ou raviver mes sympathies politiques? Com certeza. O algibebe da Baixa não quer ir enfuriar-se ao theatro contra o sr. Barros e Sá, porque elle judaizou na Lusitania, quando foi rabbi no governo, e espalhou a sua tribu, fazendo d'este paiz catholico uma synagoga, cheia de judeusinhos prolificos — e da patria d'el-rei D. Henrique, o *Inquisidor*, um restaurado reino de Israel. Que elle por pouco não convertia a propriedade do senhor D. Luiz I em monarchia de Saul. Em parenthesis: A christandade portugueza, incluindo os theatros, apenas consente que, em homenagem ao seu rei, se admitta do reino d'Israel um simile rhetoricamente lisonjeiro, permittindo que se chame a Portugal a «Monarchia de Salomão» no sentido de sabedoria, entende-se; mas, pelo que respeita ao orientalismo das setecentas mulheres do outro real sabio, os sete ceus e as onze mil virgens defendam a casa de Bragança, como todos havemos mister!

Engenhou pois o meu amigo Teixeira de

Queiroz uma comedia de um monomaniaco grutesco e não de caracter com individualidade. Depois, o desnaturalismo nacional. Um jornalista que faça discursos para o deputado declamar no parlamento não é refractario aos bons costumes. No FILS DE GIBOYER, *Maréchal*, o deputado ridiculo, recíta os discursos que lhe escreve o jornalista *Gerard*; tal qual como *Alberto de Cerveira* ao *conselheiro Pontino*. Mas *Maréchal* não é um palerma goliardo como *Pontino*: é uma enxertia de *M. Prud'homme*, que sahiu do mesmo garfo, tão explorado e tão fertil, do *conselheiro Accacio*, do sr. Eça.

E' inverosimil que o idiota *Pontino* em Portugal fosse tolerado a pensar e a conversar fóra de uma botica desacreditada do Bairro-Alto.

A comedia, para sahir boa e prestante como correctivo, deve ser um espelho em que o espectador veja os seus ridiculos. *On ne peut corriger les hommes qu'en les faisant voir tels qu'ils sont*, diz Beaumarchais. Nos camarotes de *D. Maria*, no espectaculo d'O

GRANDE HOMEM apenas se presume que estivesse o *visconde da Carregueira* protestando com um sorriso velhacaz contra a aleivosia do auctor que o punha debaixo da mesa, tendo elle *Carregueira* a certeza de que, se houve escondedoiro, foi debaixo da cama do *conselheiro*.

Não obstante, a peça de T. de Queiroz tem logar distincto n'uma secção da nossa historia politica. Assim como as comedias de Aristophanes, juntamente com as tragedias de Eschylo, Sophocles e Euripedes completam as Historias de Xenophonte e Thucydides, não será desacerto assentar que O GRANDE HOMEM é um documento complementar da historia contemporanea *tintamarresque*, como ella se professa nos periodicos illustrados de caricaturas.

Relevem-se-me tamanhas delongas no juizo pessoal de um drama sobejamente aquilatado por Silva Pinto.

*

Os doutrinarios no assumpto *Propriedade litteraria* usam argumentar com a pacata serenidade syllogistica de academicos bem enroupados e fibrinosamente nutridos. Em Silva Pinto o mesmo assumpto dá umas paginas tristes e sombrias como a fatalidade, ferem-se ahi as cordas dolentes da elegia e até as ironias tem uma plangencia tragica. As angustias do genio esvaído na penuria, no desprezo e na insulação vasquejam no commovente naturalismo que falta ao drama romantico de A. de Vigny e ás dilacerações um pouco phantasticas de Gilbert e Malfilatre. Sublime apostrophe ao destino surdo e cego!

Como é bem de vêr, Silva Pinto tem pouco de seraphico, e quasi nada de mystico. Nas theses que discute nervosamente sobre

pertenças theocraticas (JESUITAS, PADRE GABRIEL, HOMENS DE ROMA, etc.) dedilha um teclado forte que eu temo grandemente pelas desharmonias tympanicidas que é costume dar de si a questão. O desenvolvimento de similhantes desavenças com o clero lusitano é perigoso para quem tem inimigos intimos, dependencias, coisas. A' meia volta, chamam impio a um homem que não possue a felicidade da fé e da candura de Pascal, como se a impiedade não fosse a transgressão dos preceitos do Deus que se confessa por dogma. Desde o momento que um sincero discipulo de Comte disser que Deus é uma phantasia creada pelos homens, esse tal não é *impio* — é simplesmente *incredulo*. Lord Brougham esclarece o ponto:... *If a deist, one who disbelieves in our Saviour being either the Son of God as his prophet upon earth, shall argue against his miracles, or ridicule his mission or his person, he commits no blasphemy; for he firmly believes that Christ was a man like himself, and that he derived no authority from te Deity.* (LIVES). Voltaire,

em arrancos de morte, ouvia os brados asperrimos d'um cura: *Confesse que Jesus Christo era Deus!* E o philosopho agonisante: *Em nome de Deus, peço que me não fallem n'esse homem.* «E morreu como um impio!» exclama a sacristia. Ah! não. Morreu puro deista, confessando Deus, em nome de quem pedia ao cura que o não comparassem com um homem. E, concedido ainda que negasse a divindade de Jesus de Nazareth — a divindade do Filho — logo que reconheceu a do Pae amantissimo e misericordioso, o seu erro devia ser uma venialidade no supremo juizo.

E aqui me estou eu enviscando na esparrella que me armaram as peças theologicas do meu amigo Silva Pinto! A meu vêr é melhor deixar a cleresia á acção dissolvente do tempo. Ella sustenta a anarchia moral e intellectual do mundo catholico que principiou a desabar ha quatro seculos. Tão vagarosas são as jornadas da Civilisação pelas amplas avenidas que lhe abriram o protestantismo religioso de Luther e o protestantismo phi-

losophico de Descartes! Assumiram um peso de responsabilidade com que não podem, os padres, de mais a mais com a sobrecarga da sciencia intransigente. Entretanto, procuremos o que quer que seja nas absconditas profundezas do mundo moral. O *Grand Être* da religião positiva de Littré é uma porção selecta da Humanidade — são os espiritos de eleição. Com o ouvido attento, suspendamos o nosso labio maravilhado no labio verboso dos grandes espiritos.

Perpasso outros contingentes do livro, quer litterarios, quer de historia, que não se discriminam nem pospõe por inferioridade de merito. Pelo que respeita ao *Emprestimo de D. Miguel*, o snr. Silva Pinto leva o amor de filho a não consentir que a sua mãe-patria viva de calotes. E ella, a Patria, a dôce mãe babada de gozo:

— Querido, amado filho, senta-te á mesa do Orçamento, que eu vou mandar que te

sirvam o caldo negro de Sparta, para te fazer um duro spartano!

Como republicano radical, Silva Pinto rejeita a questão dos monarchas e ventila sómente a probidade dos contractos representados pelas nações. Tem razão. D. Miguel não digeriu ceitil dos 40 milhões de francos emprestados a Portugal. O meu querido amigo Thomaz Ribeiro em um livro de jurisprudencia analoga defende a massa fallida com o seu victorioso talento de causidico. Cada um no seu ponto de vista. O grande poeta, como monarchista, demonstra que D. Miguel de Bragança era apenas insoluvel, um caloteiro involuntario. D'est'arte salva o pundonor da dynastia. E, descrevendo tragicamente a baixeza a que nos tem descido os Migueis e os Pedros, incute o appetite de, n'uma explosão de polvora bombardeira, com um pouco do odio rabido e inflammatorio do monarcóphago snr. Gomes Leal — diante de quem e do javali de Alvito tremeu espavorida a Magestade —, fazer estilhaçar este alfôbre dos Joões e dos Affonsos — uns

sujeitos que se conservam na lembrança da nação para haver sempre um razoavel pretexto de escrever Historias de Portugal para uso dos lyceus. Elles fazem-se notaveis pelas antonomasias de *piedosos*, de *perfeitos*, de *castos*, de *formosos*. E tambem ha *gordos*. «Gordos» é que elles deviam chamar-se todos.

O leitor começa a enfastiar-se d'este aranzel em que, a espaços, basofeiam uns ares pedagogos, certo preponderantismo, a pitada erudita. Queira desculpar. Ha poucas semanas que um reverendo snr. padre Coisa de Braga — producto de uma *cellula primordial* (veja *Beaumgärtner)*, lá escreveu e decidiu que eu não tenho alguma auctoridade litteraria. Que não vá elle agora commetter a iniqua bestialidade de escrever que eu me estou impondo auctoritariamente.

Direi mais duas palavras que abranjam em resumo o juizo que fórmo da litteratura

do auctor dos COMBATES. O seu estylo tem, de par com a elevação eloquentissima, uma nitida clareza — o *verniz dos mestres*, como disse não sei quem. Usa phrases compostas de sarcasmos e pontas de agulhas, e bom peculio de antiphrases ironicas. E' muito bilioso na polemica, arrebatado, critico de rija tempera, subtil na analyse, muito perspicaz de relance, pouquissimo caroavel de periphrases e circumloquios, com uma temeridade sempre bem sorteada de viajar largos estadios de litteratura sem grande bagagem de expositores, e com as melhores armas de combate, muitas vezes ao serviço da verdade, e algumas vezes, com rara dexteridade, ao serviço do paradoxo. Tem ditos originaes, finos botes de esgrima faceta que se vão generalisando em outros escriptores. Ainda não conquistou a *popularité populacière*. Para isso falta-lhe escrever mal. A sua correcção ataviada a primor, e os donaires não espaventosos da locução resabem a uma fidalguia suspeita á ralé. De Edgard Poe dizia T. Gautier: *Il avait le malheur de bien écrire*, ce

qui a le don d'horripiler les sots de tous les pays.

Finalmente, em uma nacionalidade grande, capaz de antagonismos e tempestades de idéas, onde as instituições perigosas e os homens nocivos devessem ser derruidos a catapultas de estylo bem hervado de escarneos e ironias, Silva Pinto seria um pamphletario como o conde de Chesterfield (LETTERS OF JUNIUS), como Paul-Louis Courier, como H. Heine, como Cormenin. Mas em Portugal, onde tudo vae apodrecendo pacificamente, a satyra não deve passar de bisnagas com agua de Labarraque.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

S. Miguel de Seide, 27 de fevereiro de 1882